



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

---

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL  
E MODERNO EM PORTUGAL

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**74-75**

Ano de Edição

**2025**

Ano Associativo AAP

**2022-2023**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e César Neves**

Design gráfico

**Paulo Freitas**

Fotografia da capa

**Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**250 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud

## **SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM**

- 9 Apresentação  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)  
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo  
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia  
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca  
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos  
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa  
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul  
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001  
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja  
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura  
Santiago Macias
- 99 Memórias  
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana  
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas  
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa  
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia  
Manuela de Deus

## **SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL**

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo  
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval  
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa  
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa  
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto  
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura  
Vanessa Gaspar

## ARTIGOS

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?  
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios  
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica  
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*  
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)  
Carlos Boavida

## RELATÓRIOS

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022  
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023  
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# UMA MULHER DO NORTE, EM TRÂNSITO PARA O ALENTEJO

António Carlos Silva

acs.mtpedras@gmail.com

*Não se choram os mortos, cultivamos neles  
a nossa solidão.*

Agustina Bessa Luís, “A muralha” (1957)

Embora, nos tenhamos cruzado várias vezes ao longo da década de setenta, a primeira memória que retinho da Susana Correia, data do início de Outubro de 1980 quando, por coincidência, no mesmo dia e hora, ambos nos apresentámos ao serviço em Belém, no Museu Nacional de Arqueologia. Em Maio desse ano acontecera em Faro o IV Congresso Nacional de Arqueologia e Francisco Alves, então responsável pelo Campo Arqueológico de Braga, fora convidado por Vasco Polido Valente, para reabrir o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e dar corpo a um Departamento de Arqueologia no anunciado novo Instituto Português do Património Cultural (IPPC). Essas eram, há quatro décadas, as circunstâncias imediatas que, quase acidentalmente, vinham alterar as vidas de uns tantos jovens licenciados, que sonhavam ser arqueólogos mas cujas perspetivas profissionais, passavam por outros campos, em especial pelo Ensino Secundário, em crescimento exponencial nesses anos do pós “25 de Abril”. Requisitados ao ensino público por iniciativa e proposta de Francisco Alves, eu, a Susana Correia, e uns quantos outros colegas nas mesmas condições, entrávamos felizes e confiantes na ala poente dos Je-

rónimos, onde desde o início do século XX, estava instalado o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, como ainda então se chamava. Íamos finalmente fazer aquilo que gostávamos e que, uma vez acabada a Faculdade, apenas conseguíamos, sacrificando as férias, (e ainda por cima, pagavam-nos para isso...). Em tempo de carreiras aceleradas, à época eu era já professor efetivo no Liceu da Amadora. A Susana, três anos mais nova, após curtas experiências em escolas do Norte (Penafiel e Santo Tirso) fora entretanto colocada como professora provisória na Escola Secundária de Odemira. Embora não chegasse a dar aulas em Odemira, aquela colocação, não concretizada graças ao destacamento, prenunciava já o seu futuro trânsito para o Alentejo.

Antes desse primordial encontro no velho Museu de Belém, que eu já frequentava desde os primeiros tempos da Faculdade (1970), quer em aulas práticas, quer nas atividades do GEPP, era quase inevitável que me tivesse entretanto cruzado com a Susana. Em 1973, como estudantes (a Susana ainda calouira) ambos participámos no III Congresso Nacional de Arqueologia, organizado no Porto pela respetiva Universidade. No meu caso e certamente ainda mais no da Susana, era o primeiro contacto com a “paroquial e bafienta” arqueologia portuguesa que iríamos, anos mais tarde, ajudar a transformar (pelo menos gostávamos de pensar isso). Em 1975, pouco tempo após o “25 de

Abril”, ambos participámos no Colóquio de Arqueologia de Setúbal, organizado por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, um encontro já marcado pelos ventos da mudança e que prenunciava importante transformação geracional na arqueologia portuguesa. De facto assistia-se então ao crescente envolvimento dos alunos universitários nos trabalhos de campo promovidos pelos novos professores e assistentes das três Faculdades de Letras do país. No Porto destacavam-se Vítor Oliveira Jorge, Susana Lopes ou Carlos Alberto Ferreira de Almeida; em Coimbra, Jorge Alarcão; em Lisboa, Victor Gonçalves, José Arnaud e Cláudio Torres, entre outros. Terá sido nesse contexto que me te-rei cruzado de novo com a Susana, quer na visita que elementos do GEPP (Grupo de Estudos do Paleolítico Português) lisboeta, fizeram às escavações do GEAP (Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto) nas grutas do Bombarral (1975 e 1976), dirigidas por Vítor Oliveira Jorge (fundador de ambos os grupos, como é sabido), quer, mais tarde, em visitas que fiz às escavações de Bracara Augusta, onde a Susana Correia teria a sua primeira experiência profissional, após a conclusão do curso (1978). Aliás, o Campo Arqueológico de Bracara Augusta, integrado na novíssima Universidade do Minho e criado para dar resposta a uma situação de reconhecida calamidade patrimonial, era à época a única estrutura arqueológica com alguma capacidade de enquadramento profissional, o que explica a atratividade que exerceria sobre vários jovens acabados de sair das várias Faculdades, incluindo a de Lisboa. No entanto, é bem possível que eu e a Susana, talvez nos tenhamos também cruzado nesta própria sala, em 1977, a quando das III Jornadas da Associação Arqueólogos Portugueses, em cujas listas de participantes estamos registados. Mas de facto, a minha primeira memória concreta remete para o tal dia de Outubro, onde sem o sabermos ainda, ambos iniciávamos um percurso profissional quase paralelo, que se iria cruzar e descruzar ao longo de quatro décadas e que, independentemente das distâncias físicas ou dos variadíssimos contextos funcionais em que nos envolvemos, teve sempre o cimento de uma sólida e indiscutível amizade, forjada desde cedo, numa estreita cumplicidade de preocupações e interesses profissionais, culturais e sociais.

É verdade que a Susana, por razões administrativas, ainda voltaria ao ensino, ao ser colocada no ano letivo de 1984/1985, na Escola Secundária de Grândola. Mas até esse aparente tropeção na carreira arqueológica, encarado com a sua habitual bonomia, contribuiria para aprofundar a irreversibilidade do

seu caminho em direção ao Sul, uma direção que eu próprio, por razões familiares e profissionais, também seguiria um pouco mais tarde. Nesse prólogo alentejano, a Susana para além de aproveitar a ocasião para recrutar para a Arqueologia uma colega de escola que, talvez nunca tivesse sonhado ser arqueóloga (Filomena Barata), iniciava a ligação à arqueologia e ao património alentejano, promovendo desde logo trabalhos de carta arqueológica no território de Grândola.

## **NO DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA DO IPPC**

Entre Outubro de 1980 e Setembro de 1986, a Susana instala-se em Lisboa, de armas e bagagens. Nos primeiros tempos num antigo andar para os lados da Almirante Reis que pertencera ao seu tio, o conhecido arqueólogo e historiador de arte, Virgílio Correia. Mais tarde em apartamento próprio que adquiriu num velho prédio, a Santa Catarina. Tal como a generalidade dos colegas destacados para o Museu, Departamento ou Serviços Regionais, apesar da sua juventude, para além da formação universitária, a Susana apresentava-se já com larga experiência de trabalho de campo uma vez que participara em numerosas escavações promovidas pelos seus professores de arqueologia do Porto. No seu caso, exibia até alguma prática profissional, o que era raro à época, graças ao já referido envolvimento no Campo Arqueológico de Braga logo após a conclusão da licenciatura. Ainda que, a uma distância temporal já considerável e enquanto intervenientes no processo, tenhamos alguma tendência natural a enfatizar e até a romancear a amplitude emocional e natureza voluntarista do envolvimento profissional nas estruturas que ajudámos a instalar, convém não ignorar o contexto específico em que a nossa geração se movimentava. Era todo uma nova prática de arqueologia que se perspetivava, com poucas regras ainda definidas e quase sem histórico que nos condicionasse (não era “a imaginação ao poder,” mas quase...). Apesar das preocupações de reenquadramento de uma disciplina até então quase “amadora”, através da novidade dos “projetos de investigação” ou da normalização técnica dos relatórios, por exemplo, o foco das preocupações centrava-se antes de mais nos objetivos arqueológico-patrimoniais a atingir e menos no contexto administrativo-legal que paulatinamente haveria de tomar conta da arqueologia institucional. Ao recordar hoje o papel da Susana em todo esse processo pioneiro, tenho presente esses primeiros anos em Lisboa, sobretudo no Departamento de Ar-

queologia do IPPC, que eu na prática dirigia a partir de 1982. Francisco Alves, diretor do Museu e do novo Departamento do IPPC, estava claramente mais motivado pela reorganização do Museu e pela promoção da arqueologia subaquática, pelo que foi delegando a direção executiva do Departamento. Face à minha natural inexperiência, apenas colmatada por um grande voluntarismo, valeu o espírito de camaradagem e de entreajuda dos colegas, onde avultava, pela sua genuína generosidade, a Susana Correia. Nesses anos iniciais, tanto no Museu como no Departamento de Arqueologia, a Susana fez de tudo um pouco e sempre de forma abnegada, entusiástica e especialmente competente, nunca entrando em facilitismos, mesmo que fosse necessário sacrificar prazos ou horários. No novo Departamento de Arqueologia, por onde começava a fluir toda a informação de enquadramento administrativo e financeiro da crescente atividade arqueológica, a Susana irá colaborar de forma estreita mas sem paternalismos a que era totalmente avessa, com os funcionários administrativos, uma equipa motivada mas com um lastro burocrático pesado. Trabalhando a seu lado, a Susana procurava agilizar procedimentos e metodologias e, graças à sua formação e amplo conhecimento do terreno, participaria ativamente na reorganização dos antiquados processos administrativos, sempre muito confusos e pouco congruentes com a realidade arqueológica que era suposto espelharem. Decorrendo desta tarefa, assumiu também a recolha e ordenamento da numerosa documentação fotográfica dispersa nesses processos. Num âmbito mais técnico, torna-se a grande responsável pelo retomar da publicação da revista *Informação Arqueológica*, a cuja criação estivera ligada no Campo Arqueológico de Braga da Universidade do Minho. No Departamento coordena a sua publicação entre os nº2 e 7. Ou melhor dizendo, assume diretamente a recolha, ordenação e tratamento do máximo de informação possível sobre a arqueologia portuguesa relativa a cada um dos anos civis em causa, numa lógica de “anuário”. Convém a este propósito recordar que estávamos ainda em era pré-informática e quase tudo era preparado na base do *copy-paste* analógico. Ou seja, textos dactilografados, fotocópias, tesoura, cola e muitas folhas A4 para a montagem final, remetida *a posteriori* à tipografia para a impressão em *offset*. No campo das publicações, área a que procurámos dar especial atenção no Departamento, colabora no lançamento das novas coleções de *Roteiros da Arqueologia Portuguesa e Trabalhos de Arqueologia*, tendo também apoiado o Rui Parreira na renovação

da revista do Museu Nacional de Arqueologia, *O Arqueólogo Português* (nºs 1 e 2 da IV Série, editados no início dos anos 80). Aliás, à época, a interação entre o Departamento de Arqueologia do IPPC e o Museu Nacional, a começar pela partilha de instalações e pela Direção comum, era então claramente assumida por todos, sem peias burocráticas ou dúvidas filosófico-administrativas. A Susana, que tinha alguma experiência nesse campo, não deixou também de colaborar na reorganização do Museu, em particular na ciclópica tarefa de arrumação de coleções empreendida por Francisco Alves. De facto, enquanto estudante colaborara no inventário do Museu do Instituto Mendes Correia, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e, já licenciada, no Campo Arqueológico de Braga, assumira a certa altura a responsabilidade do inventário do espólio resultante das escavações, como nos recordou o Francisco Sande Lemos neste colóquio de homenagem. A sua disponibilidade, de verdadeira obreira, para este tipo de tarefa, muitas vezes fastidiosa e pouco interessante mas indispensável em Arqueologia, era uma das qualidades que evidenciaria ao longo de toda a carreira e que se manifestou também no período lisboeta. Era comum vê-la aproveitar as frequentes, longas e por vezes fastidiosas reuniões no MNA, para ir renovando velhas fichas de inventário. Também, por sua própria iniciativa, viria a colaborar com o antigo Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Eduardo da Cunha Serrão, em tarefas de inventário do Museu do Carmo. No entanto, será mais tarde no Alentejo, que a Susana dará asas a esta sua preocupação tão básica mas tão postergada, ao promover ou colaborar na organização e inventário de espólios dos museus locais e regionais a que estive de algum modo ligada, desde Santiago do Cacém, passando por Moura, Mértola e sobretudo Beja.

Não se esgotava nas tarefas já enunciadas, longe disso, a atividade arqueológica da Susana. Como era comum à generalidade dos colegas nas mesmas circunstâncias e apesar de um envolvimento profissional particularmente intenso nas tarefas do Departamento e do Museu, não deixava de alimentar uma “carreira” paralela no domínio da investigação de campo propriamente dita, no seu caso desde cedo orientada para temas da Pré-história Recente e que culminaria, anos mais tarde, na defesa de tese quando os primeiros mestrados em Arqueologia do país foram instituídos na “sua” Universidade do Porto. Com efeito, entre o destacamento de 1980 e a sua colocação cinco anos depois no Serviço Regional de Arqueologia do Sul, a par da atividade técnico-administrativa já referi-

da, vamos encontrar a Susana Correia a dirigir os seus próprios projetos de escavações. Primeiro no Castro da Fórnea, em Torres Vedras, com João Ludgero, também destacado no Museu. Posteriormente, na Lapa dos Furos, Ourém, e na Gruta da Figueira, Bombarral, neste caso em colaboração com a sua antiga colega do Porto, Maria de Jesus Sanches. Ainda no âmbito da arqueologia de campo, não deixa, quando necessário, de participar em escavações de emergência promovidas ou apoiadas pelo próprio Departamento de Arqueologia, como era habitual antes do desenvolvimento da “arqueologia empresarial ou de contrato”. Tal viria a acontecer na “Estrada do Prado” (Tomar), nos Castelos de Abrantes ou de Noudar (Barrancos) e finalmente em Mértola, onde com Carlos Jorge Ferreira (outro colega do Norte recrutado pela Susana) apoia as escavações da *Domus* romana descoberta nas obras de reconstrução da Câmara Municipal. A interrupção do destacamento no ano lectivo de 84/85, obrigaria a Susana a reorientar as suas prioridades, não só nas temáticas arqueológicas preferenciais mas sobretudo no domínio territorial de intervenção. A colocação na escola de Grândola, apesar da contrariedade que representou, acabaria por ser a oportunidade para uma reviravolta nos seus interesses que, tendo em conta as anteriores experiências de colaboração com o Campo Arqueológico de Mértola, se orientavam já para o Alentejo. O levantamento arqueológico de Grândola que promove entretanto, será assim uma espécie de tirocínio para os muitos projetos regionais em que se envolverá no futuro que se avizinhava. Terminado o ano letivo em Grândola, regressa ao Departamento para algum tempo depois ser colocada através de concurso (1986) no Serviço Regional de Arqueologia do Sul, mudando-se definitivamente para o Alentejo que assumiria como a sua segunda terra e que não mais abandonaria.



Figura 1 – Susana Correia. Dezembro 2017.

## APÊNDICE EM JEITO DE EPÍLOGO

Tendo, pouco tempo depois (1988), também optado por continuar a minha carreira profissional no Alentejo, acabei por manter até à aposentação em 31 de Dezembro de 2017, uma ligação profissional muito estreita com a Susana, independentemente dos variados cargos, funções ou projetos que ambos fomos assumindo na região ao longo dos anos. Paralelamente, a amizade e o o companheirismo forjado nos anos de Lisboa, não só se manteve como se foi consolidando com a serenidade que o fluir do tempo nos traz. Mesmo sem nos encontrarmos por largos períodos, já que a Susana esteve sempre profissionalmente sediada em Beja, onde acabou por fixar residência, a nossa amizade era algo dado por naturalmente adquirido, fossem quais fossem as distâncias ou as circunstâncias. Em jeito de último tributo a essa velha amizade e pelo que refletem do seu profundo humanismo, aqui deixo a transcrição das últimas mensagens que trocámos.

*De: Susana Correia 18 de janeiro de 2021 12:17*

*Para: António Carlos*

*Olá António Carlos! Espero que tudo esteja bem contigo e com a tua família. Nós por cá bem, depois de eu e o Zé termos já tido covid no final do ano passado (felizmente em forma suave, curada em casa). E, antes de mais, um Bom Ano para vocês, claro. Que seja melhor*

do que o que já passou para todos nós! Olha, estou a ver um RTA de prospecções da empresa do Caninas e há uma linha eléctrica de uma Central na Amareleja (Central fotovoltaica dos Arrochais) que liga à subestação de Alqueva e passa perto dos Ratinhos. Perto digo eu, mas bastante longe, ou seja, o sítio arqueológico nem sequer é minimamente afectado, a linha passará a uma distância considerável. Mas como eles estavam a usar um drone aproveitaram e fizeram imagens do Castro. Até pode ser que tenham mais, mas estas que te mando estavam no RTA. Achei que poderiam ter interesse para ti, mas se as quiseres usar para alguma coisa tens que pedir ao Caninas ou ao Fernando Henriques, que é o responsável pelo trabalho, ok? Eu mandou-tas mas de modo totalmente particular... Beijinhos grandes da Susana

António Carlos Silva 18 de janeiro de 2021 12:33  
Para: Susana Correia


Obrigado Susana. Servem (as fotos) para ver que as coisas se vão mantendo apesar de tudo, e já lá vão 13 anos desde a última campanha. Também já não passo por lá há 3 ou 4 anos. Por aqui vamos escapando (ao Covid) embora na aldeia de Guadalupe já haja vários casos, relacionados com a frequência dos cafés. A minha nora é que apanhou (Carnaxide) e agora o David e as filhas estão de quarentena. Já lá tive de passar para deixar mantimentos à porta...

Um abraço para vocês e vai dando notícias.

Susana Correia 18 de janeiro de 2021 21:34  
Para: António Carlos Silva

Por acaso essa dos mantimentos fez-me lembrar como é bom viver numa cidade pequenota - nem imaginas a quantidade de gente a telefonar a oferecer-se para comprar tudo aquilo de que precisássemos, e até para cozinhar para nós e vir deixar as refeições à porta (do que não precisámos, porque não estávamos assim tão mal, combalidos mas não mais do que com uma constipação muito forte e com febre que nunca foi muito alta). A desumanização das cidades grandes é que deve ser horrível numa situação destas. Agora sou eu a retribuir e a telefonar para os meus conhecidos cove a ver se precisam que eu lhes vá comprar algo... (O João Pires é que esteve mais uma vez de quarentena preventiva porque esteve com o Eduardo Luciano que tinha covide; e a Dinga a semana passada disse-me que ele (o Eduardo) estava a passar um bocadote mal, mas entretanto não soube mais nada.) Lá pelo serviço

já teve a Florbela de Miróbriga, eu e agora o engº Rui Martins, um dos novos que entraram. Mas agora já ninguém me chateia por trabalhar a partir de casa, pelo contrário, até nos mandaram a todos ficar em teletrabalho. Viva o covid! Entretanto, este ano já me posso reformar a partir de Maio, ando agora a pensar quando é que hei-de meter o pedido. :-)) Bjos a vocês e cuidem-se! Susana



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2025

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)